

# A mediação cultural nas narrativas de Flávio Tavares: evidenciando aspectos memorialísticos e identitários do povo paraibano

*Cultural mediation in Flávio Tavares' narratives: highlighting memorialistic and identity aspects of the people of Paraíba*

**Acrisonélia Medeiros de Sousa Rocha**

Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, BA, Brasil.

E-mail: [acrisonelia@gmail.com](mailto:acrisonelia@gmail.com)

**Raquel do Rosário Santos**

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba, UFPB; Professora adjunta do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, BA, Brasil.

E-mail: [quelrosario@gmail.com](mailto:quelrosario@gmail.com)

## Resumo

O estudo teve como objetivo evidenciar como Flávio Tavares atua e se reconhece como mediador cultural, de modo a apoiar o fortalecimento memorialísticos e identitários do povo paraibano. Quanto ao delineamento metodológico, a pesquisa se configura como qualitativa e descritiva, associada aos métodos documental e estudo de caso, uma vez que se observou a importância do agir mediador de Flávio Tavares. Como técnicas de coleta de dados, foram desenvolvidas a análise da obra de Flávio Tavares e uma entrevista junto a esse artista. Com base nos resultados alcançados, constatou-se a importância do agir de Flávio Tavares como mediador cultural, que transparece em suas obras aspectos identitários do povo nordestino e pode favorecer o agir protagonista, no desejo da mudança social que envolve esse povo. Concluiu-se que a mediação cultural realizada pelo artista viabiliza aos sujeitos, inclusive àqueles colocados à margem da sociedade, o acesso e a apropriação dos bens culturais, favorecendo a inclusão e o desenvolvimento desses sujeitos e conduzindo-os ao alcance de uma postura protagonista.

**Palavras-chave:** mediação cultural; identidade; memória; Flávio Tavares-artista plástico.

## Abstract

This study aimed to show how Flávio Tavares acts and recognizes himself as a cultural mediator to support the strengthening of memorials and identity of the people of Paraíba. A qualitative and descriptive methodological design, associated with documentary methods and a case study, was chosen for this research due to the importance of Flávio Tavares' mediating action. The analysis of the work of Flávio Tavares and an interview with this artist were developed as data collection techniques. Results show the importance of Flávio Tavares acting as a cultural mediator, which shows in his works identity aspects of the Northeastern people and can favor protagonist actions in the desire for social change that involves these people. This study concluded that the cultural mediation carried out by the artist enable subjects, including those placed on the margins of society, to access and appropriate cultural goods, favoring the inclusion and development of these subjects and leading them toward a protagonist posture.

**Keywords:** cultural mediation; identity; memory; Flávio Tavares-plastic artist.

## 1. Introdução

As artes plásticas, a exemplo da pintura, como dispositivo que informa, possuem uma potência transformadora que é resultado de vivências do contexto sociocultural do seu produtor, como também podem transparecer aspectos de si e do contexto em que os sujeitos (artista e leitores) estão inseridos. Entende-se que a mediação cultural se articula nesse processo para apoiar que os sujeitos possam ter acesso e se apropriem das informações registradas nesses dispositivos, favorecendo um (re)conhecimento de si e do outro. Considera-se que as artes e os dispositivos produzidos por essas ações, em suas mais variadas manifestações, são convites à reflexão diante das situações em que se vive, potencializando o entendimento sobre a existência e a complexidade das relações socioculturais.

Este artigo apresenta parte dos resultados alcançados na pesquisa realizada no mestrado em Ciência da Informação, cujo recorte para esta comunicação busca evidenciar como Flávio Tavares, enquanto artista plástico, atua e se reconhece como mediador cultural, de modo a apoiar o fortalecimento memorialísticos e identitários do povo paraibano. A escolha por analisar as narrativas de Flávio Tavares, que possui 60 anos de carreira, se deve ao seu reconhecimento nacional e internacional, atuando de forma a considerar e apresentar traços culturais e identitários do povo paraibano, além do viés sociopolítico, que, de acordo com o que defende Perrotti (2017), demonstra o seu protagonismo cultural, evidenciado em suas obras.

Quanto à metodologia, esta pesquisa se caracteriza como descritiva, tendo como método o estudo de caso, uma vez que se observou a importância do agir mediador de Flávio Tavares. Como técnicas de coleta de dados, foram desenvolvidas a análise da obra intitulada *O espírito criador do povo nordestino* de Flávio Tavares e uma entrevista junto a esse artista. Cumprida essa etapa, os resultados foram analisados à luz do referencial ancorado nos estudos, por exemplo, de Silva e Santos Neto (2017) quando tratam de cultura; de Oliveira (2014) quando aborda o processo de negociação; de Candau (2012) ao tratar de memória e identidade; de Hall (2006), que reflete sobre a identidade; de Perrotti (2017) e Lima e Perrotti (2017) quando abordam questões inerentes à mediação cultural e ao protagonismo; e de Pirolo (2011), que trata sobre as artes.

## 2. Mediação cultural para o fortalecimento identitário e memorialístico

Ao tratar sobre cultura faz-se necessário reconhecer a diversidade que existe nas práticas e nos dispositivos que interferem na constituição memorialística e identitária dos sujeitos, tomando como parâmetro a reflexão de Silva e Santos Neto (2017, p. 31) quando afirmam que

Cultura, portanto, se vista em seu sentido lato, pode ser compreendida como um conjunto de elementos que são incorporados pelo homem que vive em sociedade e, também aqueles, que são construídos a partir de sua inteligência, envolvendo seus gostos e comportamentos, posições e discursos, características e divergências, contextos e meio social.

Com base no conceito apresentado por Silva e Santos Neto (2017), é possível afirmar que a cultura se manifesta por meio das práticas e dos dispositivos construídos e apropriados no contexto sociocultural, sendo também influenciado pelo período histórico que interfere no processo de constituição cultural. Essa relação tempo e espaço, em que o sujeito interfere e recebe interferência em decorrência do comportamento cultural, também o torna parte de um organismo latente e pulsante que a cada geração pode ter mudanças resultantes das experiências vividas, das reflexões realizadas pelo coletivo, da interação com o próprio “grupo” ou com outros “grupos” nos diferentes cenários da vida social.

Reflexão que se aproxima do pensamento de DaMatta (1981, p. 2), quando afirma que cultura é “[...] um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas”. O autor apresenta um conceito de cultura pautado nas ciências da Antropologia e da Sociologia, acrescentando ainda que não se trata de um referente que venha hierarquizar as civilizações e enquadrar grupos como inferiores ou secundários.

DaMatta (1981) ainda considera que a cultura possibilita uma melhor tradução das diferenças entre os indivíduos e ainda viabiliza o resgate de nossa humanidade no outro e a do outro em nós, ressaltando também que embora cada cultura possua o seu próprio código, as possibilidades de atualizações e manifestações de tal código são infinitas. Assim, o ato de reconhecer as diferenças amplia a possibilidade do alcance e do fortalecimento da convivência respeitosa com o que existe nas diferentes culturas.

É possível perceber que a constituição dos sujeitos, ou seja, o repertório de ideias, gostos, crenças e atividades que desenvolvem, é influenciado pelo contexto em que está inserido. Desse modo, tanto o coletivo interfere na formação identitária e memorialística dos

sujeitos – quando em sua memória individual existem vestígios que se aproximam de práticas culturais, portanto, se amplia e vai para além da sua memória pessoal – quanto esse sujeito contribui com a manutenção dessas práticas coletivas, pois, sem a sua interferência, alguns elementos poderiam sofrer um enfraquecimento ou até um apagamento, deixando de enriquecer o repertório coletivo.

Para que ocorra efetivamente a preservação de uma cultura se faz necessário um contínuo acesso às memórias provenientes das vivências dos sujeitos e de seu coletivo, que está entrelaçada à constituição identitária dos sujeitos. Stuart Hall (2006) defende que “[...] o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (Hall, 2006, p. 12). A partir dessa reflexão, pode-se entender que a ausência de uma tomada de consciência por parte dos sujeitos sobre o acesso aos diferentes aspectos socioculturais pode influenciar negativamente na constituição de sua identidade, visto que existe uma constante transformação e anulação das identidades e de suas memórias, tornando-as provisórias e fragmentadas, levando à descaracterização da memória individual e coletiva.

A diversidade de identidades coexistentes em um território, que por questões econômicas podem ser visibilizadas como positivas, nem sempre foi tratada de maneira crítica, a fim de que essas diferenças pudessem ser reconhecidas e respeitadas. Esse processo promove uma disputa por um destaque e uma sobreposição em que a exclusão passa a ser acentuada e desigualdades sociais intensificadas. Desse modo, torna-se necessário um processo reflexivo sobre as concepções identitárias e memorialísticas, em que as diferenças possam ser identificadas e os sujeitos possam se reconhecer em meio à diversidade, mantendo traços culturais que lhes são próprios, mas também adotando de maneira consciente novos elementos que favorecem sua (trans)formação.

Em se tratando de memória, Candau (2012, p. 16) destaca que

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, [...] se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa.

Com base nesse entendimento, o autor enfatiza a relação recíproca e de transformação entre a memória e a identidade, pois o sujeito, a partir da memória, transita por fatos e/ou eventos que constituíram simultaneamente sua identidade e foram provenientes de uma interferência do outro, portanto, também é uma memória coletiva.

O autor ainda destaca que “Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece” (Candau, 2012, p. 59-60). Nessa ótica, o autor apresenta a memória na condição do fenômeno em que o indivíduo concebe a sua identidade, sendo ela fruto das lembranças adquiridas a partir das vivências ao longo da sua trajetória, como também primordiais para a afirmação e a manutenção de sua própria identidade. Portanto, de acordo com o autor, o sujeito, ao evocar sua memória, tem a oportunidade de (re)construir o passado a partir da atribuição de sentidos aos fragmentos rememorados, mas nem sempre conseguirá reconstruí-lo fielmente, pois o sujeito está em constante transformação a partir da interferência do coletivo, do espaço geográfico e do tempo histórico, sendo necessária a interferência de um sujeito mediador que possa auxiliar os demais sujeitos no ato de conhecer e fazer-se conhecer nas diferenças.

Ao evidenciar a inter-relação entre a memória e a identidade, Pollak (1992) enfatiza que memória é um

[...] elemento constituinte do sentido de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentido de continuidade e de coerência de uma pessoa ou um grupo de pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (Pollak, 1992, p. 212).

A partir da reflexão do autor, pode-se destacar o reconhecimento da memória como sendo um “fenômeno” constituído e estruturado a partir das vivências de cada sujeito. É possível também pensar que essa relação entre o individual e o coletivo pode ser indispensável na reconstrução de si, não apenas para o sujeito individual, como também para a comunidade em que ele esteja inserido. Assim, a memória de uma pessoa pode ser resultante dos lugares que ela percorreu, das atividades que participou e das mudanças políticas, econômicas e ambientais que transformaram, em alguma medida, o social e a sua existência.

Dessa maneira, torna-se necessário um ato mediador que evidencie e promova a reflexão sobre as práticas e elementos culturais do contexto em que os sujeitos estão inseridos, atuando na perspectiva do alcance da alteridade, mas sem perder a essência da sua constituição memorialística e identitária. Nessa conjuntura, Rasteli (2021, p. 136), ao refletir sobre a mediação cultural no campo da Ciência da Informação, constata que “Circunscritos aos processos de mediação cultural também estão questões do patrimônio histórico e cultural, da memória local, das identidades culturais, do multiculturalismo e das necessidades culturais e artísticas da comunidade”. Essa citação fundamenta o entendimento da mediação cultural como um ato de conscientização sobre a importância de desenvolver uma relação dialógica entre os sujeitos, com base nas práticas e nos dispositivos culturais, considerando a constituição

identitária e memorialista dos sujeitos, como também a diversidade que perpassa o repertório de conhecimentos sobre as vivências e a busca por promover uma liberdade de expressão autêntica entre esses sujeitos socioculturais, por meio das várias linguagens.

Perrotti (2016) entende a mediação cultural como uma ação que floresce do reconhecimento de conflitos e da necessidade de criar conexões que promovam o diálogo indispensável ao desenvolvimento de apropriação cultural por parte dos sujeitos. Para esse autor, a mediação cultural se manifesta

[...] Na diversidade que caracteriza o espaço público, sem silenciar conflitos nem vozes discordantes, sem isolar ou impedir a emergência da pluralidade, das tensões que lhe são próprias, a mediação cultural apresenta-se, pois, como um território discursivo, de embates e possibilidades, ao mesmo tempo que de afirmação da esfera pública como instância superior organizadora e legitimadora do campo simbólico (Perrotti, 2016, p. 13).

Portanto, entende-se que a mediação cultural, quando realizada de maneira consciente, possibilita, mesmo àqueles colocados à margem da sociedade, o acesso e a apropriação dos bens culturais, favorecendo a inclusão e o desenvolvimento de sujeitos para o alcance de uma postura protagonista, que reconhecem seus direitos, além dos seus deveres, possibilitando-os exercerem a plena cidadania.

É válido destacar que os sujeitos protagonistas são descritos por Perrotti (2017, p. 15) como aqueles que “[...] assumem a luta pela construção, pela criação, como atitude face ao mundo. Lutar, mais que enfrentamento ‘contra’, é modo de ser e estar, de produzir e cuidar de um mundo comum, habitável e convivial”. Entende-se que a conduta do protagonista está alinhada com uma postura de enfrentamento a obstáculos segregadores, visando abrir caminhos para que os sujeitos, sem exceção, possam conviver de maneira equânime, em respeito às diversas formas de pensar e agir no mundo, adversos a quaisquer valores particulares, guiados pelo sentimento de coletividade e bem comum.

Diante do exposto, é relevante atentar para o entendimento de Lima e Perrotti (2017, p. 19), ao afirmarem que “O mediador cultural é um protagonista cultural, que atua negociando sentidos, realizando tarefas e propondo ações que viabilizam a apropriação e o protagonismo cultural dele e de indivíduos, grupos e coletividades”. Compreende-se que o agente mediador pode ser um indivíduo diligente, que se utiliza do processo dialógico para efetuar negociações que venham proporcionar transformações em si e nos demais sujeitos da comunidade, por meio da disseminação e da apropriação de informações e projetos culturais, favorecendo o processo dialógico com outros protagonista, possibilitando a interlocução entre os mais variados acervos

e repertórios informacionais e culturais. Destaca-se que para além das ações culturais que envolvem a participação do meio, é necessário extrapolar fronteiras, (re)conhecer o outro, conferindo valor às práticas e dispositivos culturais pertencentes ao seu próprio lugar, pois, pelo olhar do outro, pode-se ressignificar aquilo que se tem.

Ao tratar sobre o processo dialógico, Pieruccini (2007, p. 5) apresenta o conceito de dispositivo informacional, que para a autora é “[...] mecanismo de intervenção sobre o real, que atua por meio de formas de organização estruturada, utilizando-se de recursos materiais, tecnológicos, simbólicos e relacionais, que atingem os comportamentos e as condutas afetivas, cognitivas e comunicativas dos indivíduos”. Esse entendimento indica que os dispositivos integram e interferem no agir dos sujeitos. Dessa maneira, pode-se incluir desde as fontes informacionais até os ambientes que as salvaguardam.

Também vale refletir que esses dispositivos informacionais que foram produzidos em determinado tempo histórico são resultantes de atos de cultura, portanto, entende-se como dispositivos “infoculturais”. Tais dispositivos podem proporcionar uma aproximação com os sujeitos, de modo que sua história de vida, a forma de se expressar e se relacionar com o mundo sejam contemplados, ou seja, pode ocorrer uma ruptura na aproximação entre um leitor que não domina a linguagem escrita se o mediador utilizar apenas essa expressão para se comunicar e realizar as atividades mediadoras, o que demanda uma diversidade de repertórios, incluindo os dispositivos advindos das artes plásticas.

Piroló (2011, p. 7) defende que

A arte como uma representação simbólica de um momento, de uma referência, de um contexto, procura transparecer um ideal, uma idéia, um conteúdo, uma informação, para quem a observa. Uma obra de arte pode ser apreciada e compreendida, ser considerada um instrumento para desencadear uma possível informação em um observador.

Pode-se perceber que a autora reforça a ideia de que a obra de arte quando compreendida pelo sujeito leitor pode ser um dispositivo informacional. Portanto, seguindo os entendimentos aqui apresentados, compreende-se que o ato de ler envolvendo a pintura se dá a partir do repertório que o sujeito leitor adquiriu em suas vivências, subsidiando a interpretação dos elementos utilizados pelo artista plástico na construção da obra ali representada.

Desse modo, entende-se que a partir da pintura os sujeitos podem realizar leituras diversas, compreendendo elementos de um tempo histórico distinto do seu; o modo com que o produtor percebe e se relaciona com o mundo; como também aspectos que envolvem a própria

produção da arte, a exemplo do tipo de material utilizado para a pintura. Cada um desses elementos são informações que podem ser acionadas/lidas pelo sujeito em contato com a obra (dispositivo infocultural).

Os dispositivos informacionais, por serem resultado de um movimento histórico e cultural, que representa uma intencionalidade de seus produtores, possuem um potencial simbólico, que alcançará sentido quando acessado pelos sujeitos, que por sua vez também são formados por ideologias, crenças e valores ligados ao contexto sociocultural ao qual estão inseridos. Nesse processo, é necessário um encontro que apresente os dispositivos, os sujeitos e os aspectos constitutivos dessas vivências que integram tanto as instâncias mediadoras quanto os sujeitos sociais. Assim, a negociação, conforme defendida por Oliveira (2014, p. 114), como categoria da mediação cultural, faz-se necessária nesse processo e pode ser compreendida como aquela que para além de um modo de se relacionar, compreende “[...] a busca por um diálogo (mesmo se árduo) na situação de divergência, ou seja, existe a consideração do outro enquanto possibilidade de troca e mudanças (dele e do ‘si mesmo’)”. A partir dessa reflexão, a autora destaca que é necessária a negociação, que ocorre entre mediadores e usuários, para que a mediação contemple, a partir do processo dialógico, as necessidades de todos os sujeitos envolvidos no processo sem que haja imposições.

Desse modo, o mediador cultural provavelmente identificará indícios que poderão contribuir para a caracterização dos traços de identidade e memória desse povo. Após identificar tais aspectos, o mediador deve se respaldar nas concepções teóricas, considerando as vivências e práticas realizadas, para desenvolver novas ações de mediação cultural. Caso ainda sejam encontradas dificuldades para alcançar seus objetivos, ele poderá realizar um processo de negociação, desenvolvendo uma ação dialógica, de modo a se aproximar dos sujeitos e tentar entender quais as suas dificuldades, objetivos e desejos, e assim, considerar a escuta sensível mais relevante e necessária que o ato de fala, ou seja, possibilitar que os sujeitos possam se expressar e buscar uma ação de interferência que constitua e reelabore os dispositivos informacionais e culturais que estão naquele território. Assim, pode-se perceber que o ato de mediar a cultura envolve os mais diversos sujeitos que possuem atitudes e formações socioculturais plurais e complexas.

A partir do exposto, pode-se refletir que a mediação cultural é consequência de um processo reflexivo e de ações voltadas para o desenvolvimento de sujeitos emancipados, capazes de atuar efetivamente nas questões de interesse da comunidade na qual estejam



inseridos. Partindo desse entendimento, reitera-se a importância de investigações que evidenciam como a mediação cultural pode apoiar o desenvolvimento de uma conscientização dos traços identitários e memorialísticos de um povo.

### 3. Metodologia

Pesquisa descritiva que tem como método o estudo de caso, que, de acordo com Gil (2010), consiste no aprofundamento exaustivo dos objetos e permite seu amplo e detalhado conhecimento. Nesse sentido, o objetivo foi evidenciar como Flávio Tavares atua e se reconhece como mediador cultural, de modo a apoiar o fortalecimento memorialísticos e identitários do povo paraibano. Este estudo adotou a abordagem qualitativa, com base na literatura científica, para a interpretação que norteou as narrativas do Artista.

Flávio Tavares, aos 60 anos de carreira, já participou de muitas exposições por todo o Brasil e também por países como Israel, Alemanha, Estados Unidos, França, Equador, Índia e Portugal, conforme consta em seu site. Ainda em sua página na web, desde a infância Flávio Tavares dedicou-se ao desenho e à pintura, tendo sua família como referência. Vale destacar que em seus trabalhos, o artista apresenta um viés sociopolítico, sendo comum observar em suas obras detalhes que convidam à reflexão sobre as relações humanas em toda a sua completude: relações de poder, exploração da vida e dos recursos existentes no mundo, racismo, sexismo, perpetuação do distanciamento entre as classes sociais, entre outros. Tais características aqui citadas – tanto da formação familiar, identitária e sociocultural quanto o posicionamento sociopolítico que demonstra seu protagonismo sociocultural – são evidenciadas nas obras de Flávio Tavares, com alusão à narrativa literária e justificam a escolha desse reconhecido Artista para esta investigação.

Para cumprir o objetivo foi realizada uma entrevista com Flávio Tavares, sendo o instrumento de coleta de dados o roteiro de entrevista semiestruturado. Dessa maneira, no processo de entrevista foi apresentada esta pesquisa, solicitada a autorização para que as respostas como também a análise das obras, a partir de seu acesso, fossem citadas no trabalho, além de ser possível, durante as questões, ampliar a investigação em decorrência de informações apresentadas pelo artista, portanto, o roteiro de entrevista semiestruturado permitiu a interferência de Flávio Tavares nas questões.

Na entrevista, que ocorreu em março de 2021, buscou-se identificar os seguintes aspectos: autorreconhecimento de Flávio Tavares enquanto mediador cultural; interação com os sujeitos leitores de sua obra; participação em atividades em que foi possível compartilhar os diferentes aspectos socioculturais e identitários; e a relação de enfrentamento às questões sociais culturais e políticas retratadas em sua obra.

Para cumprir com o objetivo de analisar as narrativas de Flávio Tavares por meio de suas obras, foi selecionado o painel intitulado o “*Espírito Criador do Povo Nordestino*”, obra que traz a representação de um panorama do estado, evidenciando os pontos de destaque na cultura paraibana. Foi adotada a técnica de análise documental da referida obra, em que se registrou as percepções obtidas, para serem apresentadas e discutidas à luz da literatura. Tais aspectos permearam a identificação e análise da obra selecionada, considerando a apresentação das características técnicas da obra, as peculiaridades que remetem aos traços do cotidiano do seu lugar de pertencimento e do povo nordestino, como também do próprio Artista.

#### 4. Apresentação e discussão dos resultados

Com o objetivo de evidenciar a atuação de Flávio Tavares como mediador cultural por meio das artes plásticas, de modo a apoiar o fortalecimento memorialísticos e identitários do povo paraibano, foi realizada uma entrevista com o artista em que inicialmente buscou-se investigar sobre um autorreconhecimento enquanto mediador cultural, no sentido de aproximar sujeitos de contextos e práticas socioculturais distintas a partir de sua obra. Sobre essa questão Flávio Tavares respondeu:

*Eu posso me considerar, num sabe? Diante do que eu faço uma vida inteira, eu tô com 71 anos, mas quando eu tô trabalhando como eu tô agora mesmo neste painel eu não penso nisso, porque quando eu tô trabalhando, às vezes eu sinto necessidade, é de você não transmitir o que você aprendeu pra outras pessoas, e é por isso que eu dou muito louvor a esse trabalho que você está fazendo, porque ele, essa mediação cultural, ela abre um leque pra várias pessoas passar a entender ou passar a saber um processo pelo menos criativo, num é? E isso é muito bom, por isso que, às vezes, eu pego o meu próprio telefone e Eduardo ou Alba vai e me filma, porque eu dei poucas aulas [...] mas eu sinto que ficou uma coisa meio órfã assim de você não ter mais alunos [...] não é que não tenha tempo, é que o tempo hoje em dia, você tem medo. A gente pegou essa pandemia como uma coisa absurda, você se tranca, então essa mediação ela está se tornando, talvez, por um lado numa coisa melhor porque existem esses meios de comunicação, mas pelo lado visceral, humano, você perde (Flávio Tavares, 2021, informação verbal).*

A partir da resposta de Flávio Tavares, percebe-se que ele se considera um agente da mediação cultural, afirmando que essa ação decorre de um processo longitudinal, que permeia

sua vida privada, com a família e amigos. Essa atitude mediadora também decorre do exercício de um agente mediador que percebe a importância de apresentar e aproximar as artes plásticas – e as informações por ela materializadas – dos diferentes sujeitos, o que remete ao conceito de mediador cultural cunhado por Lima e Perrotti (2017), em que defendem ser o mediador cultural o sujeito que atua por meio da negociação de sentidos, na realização de tarefas e na proposição de ação que viabilizem a apropriação e o protagonismo cultural deles e da coletividade.

Vale ainda destacar que ele trata do distanciamento social imposto durante a pandemia da covid-19, em que por questões sanitárias os sujeitos tiveram que se manter em isolamento com o intuito de evitar a disseminação do vírus, que por outro lado, como mediador, ele sentiu a falta de ter o contato humano. Flávio Tavares destaca que pela sua responsabilidade social, por meio da ação mediadora, dá continuidade a esse processo, ampliando a interação com os sujeitos por meio de dispositivos de comunicação na *web*, a exemplo dos perfis criados por ele nas redes sociais, como Instagram e Facebook.

Nesse sentido, foi possível perceber a necessidade do artista de registrar sua produção, salvaguardar e disseminar seu processo criativo, quando Flávio Tavares (2021, informação verbal) diz que “*essa mediação cultural, ela abre um leque pra várias pessoas passar a entender ou passar a saber um processo pelo menos criativo*”. Infere-se a necessidade de Flávio Tavares, por meio da mediação cultural, no desenvolvimento da arte, materializar o processo produtivo, de reflexão, e possibilitar aos outros sujeitos a oportunidade de refletir sobre aspectos identitários e das práticas culturais que são expressos no seu fazer artístico.

No processo da entrevista com Flávio Tavares foi questionado sobre sua participação em atividades em que foi possível compartilhar os diferentes aspectos socioculturais e identitários. Flávio Tavares (2021, informação verbal) respondeu que

*Sim, quando o método Paulo Freire, existia a Sepla - Secretaria de Planejamento, era antes da ditadura. Eu tinha uns 14 anos, quando eu acompanhava alguns amigos, irmãos meus interligados à família, que a gente saía de João Pessoa e ia pra Mari, ia pra Sapé, eu cheguei a conhecer [João] Pedro Teixeira, o líder camponês, num é? E nas cooperativas, eu fazia desenhos assim, eu ainda me lembro, ‘Como é que o patrão explora o trabalhador?’, ‘Como é que ele se alimenta bem e o outro não?’ Aí eu fazia e a professora ia dando aula e falando isso. Era uma politização, era uma coisa que quando chego a ditadura acabou evidentemente [...].*

No início de sua formação artística, Flávio Tavares teve a oportunidade de participar de ações desempenhadas na alfabetização de trabalhadores rurais e sua função nesse processo era a de transformar em desenhos as situações que a professora trabalhava na aula, buscando facilitar o entendimento dos alfabetizandos. Dessa maneira, Flávio Tavares, junto com a

professora, auxiliou na formação de cidadãos capazes de desenvolver uma leitura crítica, em especial nas relações de trabalho, fomentando o processo de conscientização da classe trabalhadora, possibilitando o despertar para a luta pelo direito a melhores condições de trabalho e também por remunerações dignas, reiterando o pensamento de que não basta o cidadão saber ler e escrever, faz-se necessário desenvolver o seu pensamento crítico para que possa ter clareza e discernimento das situações vividas e possibilidade de se movimentar, de maneira conscientemente, na busca de melhores condições de vida para si e para os seus semelhantes.

Flávio Tavares deu continuidade ao compartilhamento de sua arte em escolas públicas das regiões periféricas da cidade de João Pessoa, na Paraíba. Ele relata o quanto foi surpreendido com a desenvoltura e interesse dos estudantes das referidas escolas:

*[...] E eu continuei esses trabalhos em colégios [...] Adriana Maia, ela é professora de um colégio chamado Santos Dumont. Quando eu cheguei lá, eu me surpreendi, os alunos, eles tinham estudado partes de obras da cana de açúcar, do mundo de Zé Lins, outras coisas. Eles abordavam em entrevista, assuntos assim que eu não tava preparado pra responder. Dentro de mim eu subestimei 'não, isso é coisa de aluno', aí eu comecei a trabalhar junto com eles essa ideia de como eles estavam avançados no tempo, né? Perguntando sobre música, sobre isso, sobre aquilo, o universo da escola, às vezes você pensa que fica só naqueles cursinhos, não, as escolas de periferia, elas são muito fortes, eles são muito atentos [...] brilhantes, brilhantes (Flávio Tavares, 2021, informação verbal).*

Flávio Tavares também cita ações de interferência de compartilhamento dos diferentes aspectos socioculturais e identitários junto a integrantes de grupos sub-representados, tais como os cegos, os ciganos e os indígenas. Flávio Tavares consegue identificar a atitude protagonista, a exemplo dos sujeitos residentes da periferia e vinculados à escola pública, quando ele os caracteriza como fortes e brilhantes.

Pode-se entender que apesar das dificuldades que cercam os referidos sujeitos, no processo de ensino-aprendizagem, quando lhes são concedidas oportunidades, eles conseguem alcançar uma posição de destaque. Nesse sentido, percebe-se a necessidade de mediadores culturais disponíveis a dialogar, viabilizando a negociação, como aponta Oliveira (2014, p. 114) ao destacar a “[...] consideração do outro enquanto possibilidade de troca e mudanças (dele e do si mesmo)”. Características que são identificadas em Flávio Tavares, como mediador cultural, ao se relacionar com o outro, apresentando perspectivas e possibilidades, oportunizando uma ressignificação da sua vida e de sua existência, mas sem deixar de considerar suas experiências e saberes que são basilares para alcançarem uma conscientização da luta contra o apagamento e o silenciamento do brilhantismo que possuem.

Ao tratar da mediação cultural que apoia a formação consciente do sujeito, como também relacionando esse aspecto à constituição identitária e protagonista expressa nas obras de Flávio Tavares, buscou-se saber da relação de enfrentamento às questões sociais, culturais e políticas retratadas em suas obras. Flávio Tavares (2021, informação verbal) aponta que

*[...] Na época da ditadura, a minha pintura, ela estava permeada por uma áurea católica, eram anjos, mulheres, frutas e uma coisa assim onírica e lá em casa todo mundo tinha uma coisa assim... Eu fiz uma exposição no Rio de Janeiro, não sei se é 74, que eu já usei um mundo mais tenebroso, um desenho mais forte, um esmagamento do ser humano, figuras em pau de arara num sabe? Fui introduzindo lentamente a incorporação da brutalidade de uma época. [...] O desenho meu tem muita coisa ligada a isso, durante a vida inteira, a pintura menos, porque eu não sabia fazer a interligação do grotesco com uma estética mais natural, a fisionomia mais natural. Então, é por isso que eu disse que a minha arte, ela não é revolucionária na estética.*

O artista declara que sua obra não vem propor uma revolução estética, não possui um teor revolucionário, e contextualiza exemplificando: “quando eu vou pintar o cavalo, eu pinto o cavalo, mesmo que ele seja um pouco diferente do cavalo, ele tá dentro dessa coisa” (Flávio Tavares, 2021, informação verbal). O artista também descreve que sua arte, no início da carreira, apresentava características sacra, às vezes de natureza morta ou com traços oníricos, além das mulheres, ainda quase sempre presentes em seus trabalhos. Diante da situação vivida no país durante a ditadura militar, ele passa a produzir charges políticas e a sua arte adquire aspectos culturais, sociais e políticos expressando o seu posicionamento crítico por meio do desenho e da pintura.

A partir do exposto, pode-se compreender que, pelas vivências de Flávio Tavares, houve uma mudança de postura em que o artista passa a agir criticamente e com liberdade diante do mundo, posicionando-se em frente às questões socioculturais, de forma a representar as suas leituras de mundo, contribuindo com os sujeitos leitores para a reflexão sobre os elementos identitários que têm em sua obra, evitando que ocorra uma fragmentação das identidades proporcionada pela falta de conscientização, como indica Hall (2006). Na entrevista, Flávio Tavares ainda menciona obras suas que trazem como características marcantes as evidências de fatos políticos, como por exemplo o álbum “Agora, O Pavão sem mistério”; a série “Os banquetes e a brutalidade”; os painéis “Brasil, O Golpe: A Ópera do fim do mundo”; “Carmem Miranda e O Rei da Vela”, entre outros.

Flávio Tavares (2021, informação verbal) ainda comenta que a ideia que o conduziu a produzir a obra “Agora, O Pavão sem mistério”, foi a seguinte: “um pavão sem as penas, ele não passa de uma ave comum e a vida da gente na época da censura, sem as ideias, sem a liberdade, a gente não passa de um presidiário”. Fica explícito na resposta de Flávio Tavares

que as obras dele demonstram sua postura protagonista, sua maneira de se posicionar diante da realidade, de expressá-la de uma forma crítica e consciente, aproximando-se do que defende Perrotti (2017) ao tratar de protagonismo cultural, como uma luta e uma atitude diante do mundo.

Expressando ainda o seu protagonismo cultural, Flávio Tavares atua de maneira consciente no intuito de refletir e levar à reflexão essas questões sociais, atuando como um mediador da cultura, que estava vivenciando em uma época de censura. Ele não se deixou dominar pela impossibilidade de se expressar, encontrando na ilustração de charges um meio de fazer isso. Também se identifica uma postura protagonista de enfrentamento diante das adversidades impostas pelo “sistema”, em uma tomada de posição do direito de expressar-se e possibilitar o pensamento crítico do sujeito.

É possível constatar que o artista Flávio Tavares se utiliza dos dispositivos de arte produzidos por ele para interagir e também para mediar a informação e aspectos culturais para o público em geral. Durante a entrevista, em muitos momentos Flávio Tavares evidencia a necessidade do artista interagir com o público, por exemplo, quando ele ressalta que “*O artista tem essa necessidade de ele conseguir um pouco interagir com um mundo que você tá vivenciando*”. Nessa interação com o mundo em que o público está inserido é possível estabelecer um processo dialógico em que Flávio Tavares interfere e recebe a interferência dos sujeitos. Desse modo, ratifica-se que sua postura protagonista não se limita à esfera privada, mas se articula com o coletivo, aproximando-se do que defende Perrotti (2017) ao tratar do protagonismo cultural.

Segundo Flávio Tavares, a utilização de uma simbologia ligada ao fabulário facilita muito na inserção de temas ou fatos que poderiam de certa maneira sofrer algum tipo de censura, pois para ele: “*através da fábula, então você é capaz de falar do rei, sem o rei saber que você está falando dele [risos]*”. Partindo desse princípio, o artista se coloca de maneira mais livre para seguir a sua criação, não se importando com um possível enfrentamento diante do tema representado na obra e realizando uma mediação dos aspectos socioculturais que permeiam a formação e a atuação dos sujeitos na sociedade. Assim, observa-se a importância da ação de Flávio Tavares como mediador da cultura, que transparece em suas obras aspectos culturais e identitários do povo paraibano, como também um protagonista cultural que age a favor do coletivo e da transformação social.

Nessa conjuntura, ao realizar a leitura de suas obras é possível identificar, entre outros aspectos, a riqueza de informações que circulam livremente pelo seu trabalho, que envolve traços do cotidiano do seu lugar de pertencimento, que é o Nordeste brasileiro, como também temáticas de interesse coletivo, como o meio ambiente, as relações de trabalho, a política etc., corroborando o que defende Pirolo (2011) ao refletir que a arte é uma representação simbólica de um momento, de um contexto e de uma referência, transparecendo uma informação. Assim, Flávio Tavares compartilha informações sobre seu lugar de fala e pertencimento.

No repertório desse artista também é possível identificar telas e desenhos associados às produções de escritores como Jorge Amado, Gabriel García Márquez, Machado de Assis, Ariano Suassuna, José Lins do Rego, José Américo de Almeida, Augusto dos Anjos, sendo os quatro últimos paraibanos. Para além das diversas temáticas, Flávio Tavares também focaliza em sua obra a literatura em um cotidiano sobre os paraibanos, evidenciando signos representativos desse povo, como: os trabalhadores da cana-de-açúcar e dos engenhos, associados à obra de José Lins do Rego; os retirantes da seca, presentes na obra de José Américo de Almeida; o sertanejo e o vaqueiro, retratados na obra de Ariano Suassuna; como também os animais e as feras, nos poemas de Augusto dos Anjos.

Com a finalidade de demonstrar os aspectos apresentados em sua entrevista, foi selecionada uma obra representativa da atuação do artista como mediador cultural. Dessa maneira, a obra intitulada “O Espírito Criador do Povo Nordestino” (Figura 1) é analisada neste trabalho, painel criado em 2010, em óleo sobre tela e que faz parte do acervo do Tribunal de Contas da Paraíba.

No referido painel é possível observar elementos representativos de várias cidades paraibanas. Apesar de receber o título que especifica o povo nordestino, entende-se que o artista possa considerar o lugar onde nasceu e vive até hoje como um exemplo claro do que seja o Nordeste, de como toda a região foi constituída através da garra e do trabalho de seu povo, seja pelo cultivo do algodão, da cana-de-açúcar e do milho, na lida nos engenhos, no trabalho com o gado, entre outros.

Na obra, o artista faz referência aos povos originários praticamente dizimados pela ganância do “colonizador”. Outra referência trazida por Flávio Tavares é o vaqueiro, forte símbolo do povo sertanejo que segue na lida com os seus paramentos tradicionais. Também é possível observar uma alusão aos tropeiros da Borborema, homens que viajavam em tropas de burros levando o algodão produzido no sertão paraibano para a cidade de Campina Grande. Em

meio a tanta riqueza apresentada na idealização de Flávio Tavares, em relação à construção do seu estado, percebe-se que foram igualmente retratados os agricultores, apanhadores de algodão e de milho, os cortadores de cana-de-açúcar dos engenhos, as vendedoras de frutas, os quebradores de pedras da região do Seridó paraibano, como também os artesãos do estado.

Figura 1 – O Espírito Criador do Povo Nordestino



Fonte: Pinturas (2024).

Nota: Obra criada em 2010; óleo sobre tela. Integra o acervo do Tribunal de Contas da Paraíba, em João Pessoa.

Entende-se que as informações contidas na tela são decorrentes da escolha do artista com o objetivo de alcançar o sujeito leitor, mas para além desse conteúdo que se objetiva, existem as subjetividades do sujeito e que elas estão ancoradas no seu repertório informacional, nas suas vivências e experiências de leituras de mundo e que são acionadas no contato com o dispositivo informacional de que se trata aqui na obra de Flávio Tavares. Esse dispositivo tem em si implicações (posto que ele interfere), como também o tem o artista, que por meio dele interfere no acesso à informação. Mas, o sujeito leitor aciona informações de acordo com o seu repertório informacional, ou seja, existe nesse processo subjetividades que vão além da intenção do agente mediador.

Dessa maneira, compreende-se que para realizar a leitura de uma tela, o sujeito acessará o seu repertório informacional e cultural que respaldarão o seu pensamento na concepção das mais variadas interpretações, por isso, compreende-se que os elementos retratados na Figura 1 podem evocar nos sujeitos experiências vivenciadas nos espaços representados, a exemplo da ilustração do Lajedo de Pai Mateus – uma elevação rochosa situada na região de Cabaceiras, conta-se que no século XVIII um ermitão e curandeiro, conhecido por Pai Mateus, habitou o



lugar – ou até mesmo fazer associação com obras de literatos que têm em suas produções elementos apresentados na obra.

Na Figura 1, percebe-se uma área de elevação rochosa e iluminada que seria o Pico do Jabre, o ponto mais alto da Paraíba, localizado no município de Maturéia, próximo à cidade de Patos, que por sua vez recebe a alcunha de *a morada do sol*. No entorno do Pico do Jabre, o artista representa outro aglomerado rochoso conhecido por Pedra da Boca, situada no município de Araruna; a Fazenda Acauhan, fonte de inspiração do escritor Ariano Suassuna. Outra elevação rochosa bem no centro da tela, a Pedra da Itaquatiara, é um sítio arqueológico situado no município de Ingá, e em seu entorno, o artista representa os povos originários; o Vale dos Dinossauros de Sousa; a comitiva dos tropeiros da Borborema, talvez em uma tentativa de representar que esses espaços geográficos foram e são elementos de referência para as pessoas que percorrem o caminho do interior ao litoral, ou vice-versa.

Em determinadas situações, a informação que o artista desejou compartilhar, por meio do dispositivo que influencia o processo de mediação cultural, pode ser apropriada, ou apenas desestabilizar outras informações que o sujeito possui em seu repertório de conhecimento, sendo que a informação inicial não é totalmente apreendida por ele. Assim, cada sujeito poderá ampliar ou ressignificar seu repertório de acordo com o processo de apropriação da informação que realiza, subsidiado pela atuação dos agentes mediadores culturais.

Ainda alinhado ao exposto, destaca-se a descrição que Flávio Tavares fez da obra citada, em uma publicação em seu perfil no Facebook, em 21 de julho de 2019, da seguinte maneira:

Minha querida PARAIBA.

O sol no sertão acima do pico do Jabre iluminando a nossa terra. Tem a beleza de Cabaceira, a Fazenda Acauã onde Ariano Suassuna morou quando era pequenino, a pedra da Boca em Araruna, o açude de São Gonçalo, a serra da Borborema, os engenhos de José Américo, Zé Lins e Augusto dos Anjos, do lado direito a Ponta do Cabo Branco, à esquerda, vaqueiros, vacas e cabritos, algodão e a Itaquatiara do Ingá (o maior monólito com inscrições rupestre da America do Sul, registrado no Livro O Despertar dos Mágicos de Jacques Bergier e Louis Pauwels), tem também a paisagem do vale dos Dinossauros em Sousa no alto sertão. No primeiro plano do painel está representado nossa arte popular, o homem de chapéu escuro é minha homenagem ao grande escultor de Sumé, BENTO. Tem muita magia nesse nossa pequenina mulher macho sim senhor. Viva o nosso Reinado do Sol (Tavares, 2019).

Flávio Tavares reafirma o que foi citado anteriormente, tanto quando se observou que a obra é capaz de evocar espaços geográficos da Paraíba quanto aos elementos que compõem as obras de literatos paraibanos, uma vez que o próprio artista plástico faz menção a tais elementos em sua descrição. O encadeamento das interpretações é favorecido a partir da apresentação feita pelo artista, possibilitando aos que já conhecem a região identificar detalhes que, em alguns

casos, podem não ter sido percebidos, como também convida a ser realizada uma leitura e compreensão de tais elementos pelos sujeitos que ainda não conhecem o estado. Pode-se dizer ainda que, em ambas situações, existe um processo de mediação cultural com base em informações compartilhadas por Flávio Tavares, promovendo um despertar no interesse do sujeito em (re)conhecer o universo representado no painel em questão.

Na tela representada na Figura 1, é possível observar elementos que destacam várias microrregiões do estado, sendo importante destacar que Flávio Tavares constrói o seu painel em um formato livre, não levando em consideração a geografia real do estado. Pode-se dizer também que, ao representar esses espaços geográficos destacados na Figura 1, a obra assume o papel de um “mapa” que descreve elementos significativos da cultura paraibana, ou seja, a obra retrata elementos que evocam o sentimento de pertencimento do artista e do povo paraibano, que, ao realizar uma leitura desse dispositivo, pode se sentir também integrado por reconhecer esses pontos de referência da geografia de sua “terra”. Desse modo, além de atribuir um sentimento de pertencimento, também faz referência à memória individual e coletiva do povo paraibano, como aponta Candau (2012), quando descreve a memória como sendo a identidade em ação, constituindo um jogo com as lembranças e os esquecimentos e, ainda, que ela, a memória, é responsável pelo sentimento de identidade.

Ocupando o primeiro plano da tela, Flávio Tavares dá destaque aos artistas populares de sua terra, de maneira a reverenciar o artista “popular”, como se tivesse a pretensão de destacar o valor da diversidade cultural de sua região. Portanto, é possível perceber as influências que ele recebeu da cultura do seu povo, na descrição da obra em questão, ele destaca os lugares de origem e temas constantes nas obras dos escritores paraibanos já citados, conhecidos nacional e internacionalmente, mas dá destaque especial aos artistas populares do estado, evidenciando a pessoa de Bento de Sumé, que é um artista popular que expressa sua arte por meio de santos e pássaros entalhados em madeira.

A partir das narrativas de Flávio Tavares, tanto concedidas pela entrevista quanto pela análise de sua obra, reitera-se a importância do agir desse artista como mediador cultural, que transparece em suas obras aspectos identitários do povo nordestino, em uma trama que interfere em vidas e pode ser transformada pelo agir coletivo, no desejo da mudança pelo olhar cada vez mais plural das singularidades que envolve esse povo.

## 5. Considerações finais

A partir dos resultados analisados, observou-se que Flávio Tavares produz sua arte considerando que o sujeito que tem acesso a ela possa desenvolver o pensamento crítico e ao passo que compreende a sua realidade possa buscar meios para transformá-la. Constatou-se que o artista atua de maneira consciente do seu papel social por meio da produção artística, alinhada ao contexto sociocultural do seu espaço geográfico, histórico e temporal, por exemplo, quando apresenta elementos da cultura do seu estado, dispostos no painel como uma espécie de “mapa imaginário”. Flávio Tavares possibilita ao leitor, independente da fase de vida em que está, (re)conhecer os problemas sociais decorrentes de um percurso histórico e político que fundamentam os dias atuais e que mantêm grupos sociais ainda à margem da sociedade e da garantia de seus direitos.

Por meio da investigação também se pôde reconhecer a atuação de mediador cultural de Flávio Tavares ao agir como um produtor de dispositivos (telas de pinturas) carregados de elementos que propiciam aos sujeitos a atribuição de sentido. Enfatiza-se que a produção artística de Flávio Tavares demonstra sua criatividade e criticidade, contextualizadas em seu lugar de pertencimento. Essa mediação é realizada de maneira consciente e viabiliza aos sujeitos, inclusive àqueles colocados à margem da sociedade, o acesso e a apropriação dos bens culturais, favorecendo a inclusão e o desenvolvimento desses sujeitos, a possibilidade de reconhecerem elementos que são simbólicos e representativos de seu povo, perceberem também a trajetória em que seus ancestrais vivenciaram e observarem que pertencem a um povo forte, que luta pelos seus direitos e buscam melhores condições de existirem no mundo, conduzindo-os ao alcance de uma postura protagonista.

Entende-se que a atuação protagonista está alinhada a uma postura de enfrentamento diante dos obstáculos segregadores, alicerçada na coerência entre o dizer e o agir de maneira consciente, com o intuito de abrir caminhos para que todos os sujeitos tenham oportunidade de conviver de maneira igualitária, respeitando as maneiras distintas de pensar e agir no mundo, guiados pelo ideal do bem comum e da alteridade. Tais características são identificadas em Flávio Tavares que, em seu agir como mediador cultural, ao se relacionar com o outro, expõe perspectivas e possibilidades de ressignificar sua vida e sua existência, considerando as experiências e saberes que compõem a base para se chegar a uma conscientização da luta contra o silenciamento e o apagamento do brilhantismo que o *outro* possui.

É importante também destacar que o próprio artista se considera um agente da mediação cultural, chegando a afirmar durante a entrevista concedida que sente falta de ter tido mais oportunidade de compartilhar o que aprendeu e que reconhece a importância da nossa pesquisa que, na sua visão, poderá fazer com que várias pessoas possam (re)conhecer o seu processo criativo. Fato que aponta para a sua preocupação em tornar mais amplo o seu agir como mediador, em que, para além de sua atuação exista uma pesquisa que apresente ou amplie a visibilidade e que reflita sobre o seu trabalho, possibilitando que a mensagem expressa através de sua arte chegue a mais pessoas.

A partir dos resultados aqui apresentados e discutidos, como também das considerações que foram alcançadas, é possível constatar evidências de vestígios identitários e memorialísticos desse produtor e do povo paraibano. Como também a conscientização desse artista em sua atuação como mediador cultural que apoia o processo de acesso à informação, por meio dos dispositivos por ele produzidos e que teve acesso.

## Referências

BIOGRAFIA Flávio Tavares. 2021. Disponível em: [http://flaviotavares.com.br/pt\\_br](http://flaviotavares.com.br/pt_br). Acesso em: 26 fev. 2021.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

DAMATTA, Roberto. Você tem cultura? **Jornal da Embratel**, Rio de Janeiro, 1981.

Disponível em:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/877886/mod\\_resource/content/1/2\\_MATTA\\_Voc%C3%AA%20tem%20cultura.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/877886/mod_resource/content/1/2_MATTA_Voc%C3%AA%20tem%20cultura.pdf). Acesso em: 20 ago. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2010.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&J, 2006. Disponível em:

[https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com\\_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf](https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf). Acesso em: 10 jun. 2021.

LIMA, Celly de Britto; PERROTTI, Edmir. O Bibliotecário como mediador cultural. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: Unesp, 2017.

OLIVEIRA, Amanda Leal de. **A negociação cultural: um novo paradigma para a mediação e a apropriação da cultura escrita**. 2014. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

PERROTTI, Edmir. Mediação cultural: além dos procedimentos. *In*: SALCEDO, D. A. (org.). **Mediação cultural**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

PERROTTI, Edmir. Sobre informação e protagonismo cultural. *In*: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017. v. 1. cap. 2.

PIERUCCINI, Ivete. Ordem informacional dialógica: mediação como apropriação da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais eletrônicos** [...]. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2007. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/viiienancib/schedConf/presentations>. Acesso em: 06 dez. 2021.

PINTURAS Flávio Tavares. 2024. Disponível em: [http://flaviotavares.com.br/pt\\_br/galeria/pinturas/](http://flaviotavares.com.br/pt_br/galeria/pinturas/). Acesso em: 20 maio 2024.

PIROLO, Ana Claudia Inacio da Silva. A informação artística. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 1-35, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/39954>. Acesso em: 27 fev. 2023.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

RASTELI, Alessandro. Em busca de um conceito para a mediação cultural em bibliotecas: contribuições conceituais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 3, p. 120-140, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/103240>. Acesso em: 09 out. 2023.

SILVA, Bárbara Damiane da; SANTOS NETO, João Arlindo dos. Práticas de mediação cultural nas bibliotecas públicas municipais de Londrina/PR. **Biblionline**, João Pessoa, n. 2, v. 13, p. 30-43, 2017. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/16140>. Acesso em: 01 set. 2021.

TAVARES, Flávio. **Relato do artista**. 2019. Disponível em: [https://www.facebook.com/photo/?fbid=751799155235843&set=a.253841321698\\_298](https://www.facebook.com/photo/?fbid=751799155235843&set=a.253841321698_298). Acesso em: 2 maio 2022.

Artigo submetido em: 12 dez. 2022  
Artigo aceito em: 23 abr. 2024